

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







RONDAS  
NOCTURNAS

RAUL

MCMII

74 80

Lammert & Co., Editores



**RONDAS NOCTURNAS**





MARIO PEDERNEIRAS



Somno



Alma contemplativa  
Que ao Bem-Estar e á suggestão disponho,  
Esta fecunda Noite suggestiva  
Leva rumo do Sonho.

Alma ! Segue-a tambem que este caminho  
Onde florescem risos e lisonjas,  
E' mais branco talvez que o proprio linho  
Que veste as Noivas e amortalha as Monjas.

O luminoso traço dos Luares  
Segue, isolada, em scismas e abandono . .  
Deixa lá-baixo o rumo dos Pezares  
E os caminhos immáculos do Somno.

Deixa lá-baixo a agitação da Villa  
No seu penoso e masculino trabalho. . .  
Faz-te velha e tranquillã  
A' nostalgia deste Céu grisalho.

Vamos por ella em fóra caminhando  
Emquanto a Lua leve a Esphera invade,  
Serena e lenta levantando  
O penetrante pollen da saudade.

Vamos por ella em fóra  
Gozando a Paz e esta feição de Aldeia,  
Emquanto a Noite monacal dissora  
Os Santos Oleos de uma Lua Cheia

Sob o pallor da Luz alva e chimerica  
Como que a Vida — neste trecho franco —  
Dorme um Somno lethal de Monja hysterica  
Amortalhada em branco

.

Pela Amplidão deserta  
Sem uma Sombra que o seu brilho afoite.  
Anda uma Lua branca em ronda, alerta,  
Pela vacuo da Noite.

Lá nas Alturas límpidas te encerras  
— Alva Nuícia da Dor meiga e clemente —  
E d'alto encobres o vigor das Terras  
Da tua doce pallidez doente.

Por esta Noite d'alvos tons polares,  
Calma seguindo pelos Céos — semelhantes  
A Alma de um Crente em rumo dos Altares  
Por caminho de Noivas e de Ovelhas.

E's Tu que um campo calmo e desolado  
Tornas sereno e casto  
E vasto.  
Como um Passado.

Sob a calma infinita  
Dos teus honestos, pallidos clarões,  
N'alma se agita  
A turba-multa das Recordações.

Tudo esmorece  
A' tua luz monastica e sombria  
E a Terra assim parece  
O longo valle da Melancholia.

E's Tu que envôlta nessa luz querida,  
Feliz, meiga e camponia,  
Lentos nos leva para o Sul da vida  
Pela Estrada da insomnia.

E enquanto de Sonhos ávida  
A Alma reclama e treme em sobresalto,  
Pairas em constellado Sonho impávida  
Lá-Alto.

---

Aqui — por onde em Pasma e Assomo  
Toda a tristeza das Alturas sondas,  
Chegã o rumor da vida apenas — como  
Leve remanso embalador das Ondas.

E vai crescendo empós... Vem mais pesado,  
Chega de lá — de onde o luar acaba —  
E repercute pelo descampado  
Num barulho de Sonho que desaba.

Por mais que a Noite em calma se dilate  
Has de ouvir-o sempre. Escuta ;  
E' o Mundo que clama e que se bate  
Eternamente em Lucta.

E enquanto aqui a Alma deserta  
Na restea branca da Illusão enfaixo —  
A vida em luctas e clamor desperta  
Lá-Baixo.

Ouve-a de longe, desta Noite casta,  
Serena e mansa, mystica, isolada,  
Que pausa e lenta e morbida se arrasta  
Toda de branco de Luar noivada.

Ouve-a daqui, deste isolado abrigo,  
Amplio e clemente,  
Onde um Luar amigo  
Põe calmas de Olhos de convalescente.

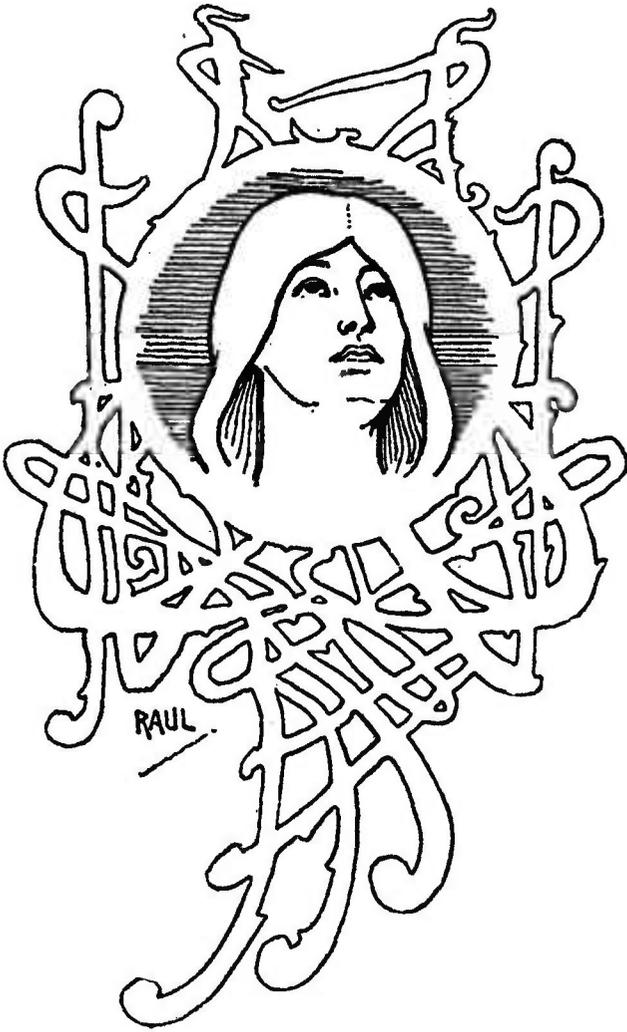
Ouve-a daqui, destas alfombras,  
Cheias de olor selvatico de matta,  
Onde o crivo das Sombras  
Parece aberto em laminas de prata.

Que esse clamor d'estranhas scenas  
Que este silencio torna triste e tôrvo,  
Aqui chegando te pareça apenas  
O presago rumor de Azas de Côrvo.

Que esse rumor se eleve e cresça,  
Augmente embora e cresça gráo a gráo,  
Mas que daqui apenas te pareça  
Um Sonho máo.

E enquanto em Sonhos ávida  
A alma reclama e treme em sobresalto,  
Paires—em constellado Sonho impávida  
Lá-Alto.





Portico da Insomnia



I

Embora o Sol em flavas flammæ arda,  
Quente enrubeça a Terra e queime o Trigo,  
Logo que chega a Noite e a Luz encarda,  
Abres á Vida o teu honesto abrigo.

E' lá que empós as Glorias e o Perigo  
A Alma repousa — se o carinho tarda —  
Velada apenas desse Olhar amigo  
E da ronda christã de Anjos da Guarda.

Companheiro do Tédio e do Canção  
Surges sereno e vagaroso abrindo  
Um carinho de sombras pelo Espaço.

A Alma repousa envôlta em denso Véu,  
Esquecida do mundo atroz—fruindo  
A Saudade nostalgica do Céu.





Sonho



## II

Da tua branca e solitaria Ermida  
P'or caminhos de Céu que a Lua esmalta—  
Desces—banhada dessa Luz cobalta —  
O linho d'Aza abrindo sobre a Vida.

Nada teu Passo calmo sobressalta  
E quando a Magua as Almas intimida  
Das Illusões a turba renascida  
Em ronda espalhas pela Noite alta.

E a claridade que se faz é tanta  
Que logo a Terra fica cheia dessa  
Sonora e estranha Luz que alegre e canta.

E illuminada de um Luar de Outomno  
A Alma feliz e impávida atravessa  
A vasta e longa escuridão do Somno.



Pezađêlo



### III

Em pesado rumor que entristece e apavora  
Rolas em Temporal pela Noite da Esphera,  
Oh! Satyro senil, que a Luxuria descora  
E o pallor invernial das Insomnias macera.

'As mortas Illusões, a Ventura de outr'ora  
Tudo o que a Vida illude e que o Somno exagera,  
Tu despertas em Dor que agonisa e que chora  
Pela Estrada feral que vae ter á Chimera.

Velho, macabro Clown em satyra figura  
Engonçado offegando em eterno Canção  
E eterno a debater-se em eterna Tortura.

O rumor animal do teu folego aos sórvos  
Lembra á Noite, em Pavor, aflando pelo Espaço,  
O pesado oscillar da Aza agoura dos Córvos.



Insomnia



#### IV

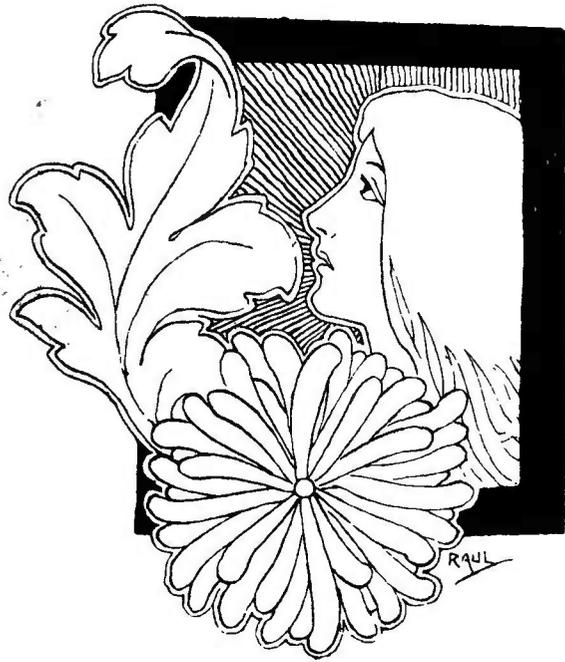
Interminaveis Campos desolados  
Por Noites brancas de Luares quentes,  
Echos d'estranhos canticos dolentes  
Por boccas de infelizes soluçados,

Resurreições de Dores e Peccados  
De velhos tristes corações doentes,  
Longas Maguas que dormem penitentes  
Envôlta na neblina dos Passados.

Tudo revives e renovas — tudo —  
Nessa longa Tristeza que dissora  
O teu Olhar petrificado e mudo.

E á Alma para que essa Magua acoite  
Deixas apenas este Céu de Aurora  
E a impenetravel Solidão da Noite.





Melancholia



V

Sob a meiga feição que nos conforta  
Da velhice feliz destes Luares,  
Sonoro um Sino plange e est' hora morta  
Abre em Saudade Rôxa pelos Ares.

E logo a Magua que este som comporta  
Invade os Céos, oscilla sobre os Mares,  
E a Terra como que feliz supporta  
O mais triste de todos os Pezares.

Nem uma sombra neste Céu — nem uma  
E deste Eirado nem um som se evola;  
Neste valle não aflu uma só pluma...

Por esta Noite d'alvos tons tristonhos  
Em pesado tropel apenas róla  
Toda a confusa legião dos Sonhos.



Prece



## VI

Abrindo rumo pelas nebulosas  
Longas Estradas onde a Magua impera,  
Seguem contigo as Almas piedosas  
Para a serena quietação da Êsphaera.

E logo as velhas Amplidões brumosas  
— Que alvo Pallor monastico macera —  
Tremem em longas vibrações ruidosas  
Num delirio de Sonhos e Chimera.

Canta em tudo uma Luz clara e sem ascua  
Que a Alma em branco e recolhida alaga  
De alegrias catholicas de Paschoa.

E pela Noite longa que adormece  
Vago e leve grillar de Estrellas — vaga  
Symbolisando o rhythmo da Prece.





Fé



## VII

Em cruz por sobre o peito os alvos braços,  
Sangrando a Carne, a cabelleira sôlta,  
Caminhas triumphal pelos Espaços  
Nas longas Alvas do Martyrio envôlta.

Sobes da Terra ! Em grita e desenvôlta  
Clama a Teus Pés a turba dos devassos  
E frême em leve oscillação revôlta  
A Luz honesta que te aclara os passos.

Surgem muralhas e muralhas tombam,  
Rebenta a Guerra em torno a Ti rugindo,  
Teus frageis pulsos os grilhões arrombam.

Sobes em Gloria immaculada, exangue,  
Ungindo a Vida e os Corações unguindo  
Dos Santos-Oleos do teu proprio Sangue.



Esperança



## VIII

Irmã do Sonho e Noiva da Agonia,  
De Olhares baços, do pallor dos Lyrios,  
Eternamente em lenta Romaria  
Por caminhos de Maguas e Martyrios.

Onde soluçam Dores e Delirios  
E a Crença tombe inanimada e fria,  
Hão de os teus Olhos accender os Cirios  
Do consolo final de uma Alegria.

Vive còmosco, vive eternamente  
Em miserias de Vida, ou Vida rica,  
Todo o Carinho desse Olhar de crente.

Mortas da Vida as claridades frouxas  
Tombas e a Terra em que tu rólas — fica  
Toda coberta de Saudades Rôxas.





Caridade



## IX

Vinda de longe Terra promissôra,  
Que eterna Lua mystica illumina,  
Pela Estrada da Vida peregrina  
Essa andrajosa de Cabeça loura .

Atro Destino o seu vagar agoura  
Mas nos Seus Olhos que o Pezar neblina,  
Brilha em pharol toda essa Luz divina  
Que a propria Terra que ella palma—do ura.

Almas Afflictas nos seus Olhos pensam  
E sobre o Pobre a sua Sombra amada  
Pousa em carinhos baptismaes de Benção:

Doirada d'oiro dos trigaes em mésse,  
Segue rumo dos Céos, resplendorada  
De exhalos brancos de Saudade e Prece.



Saudades



X

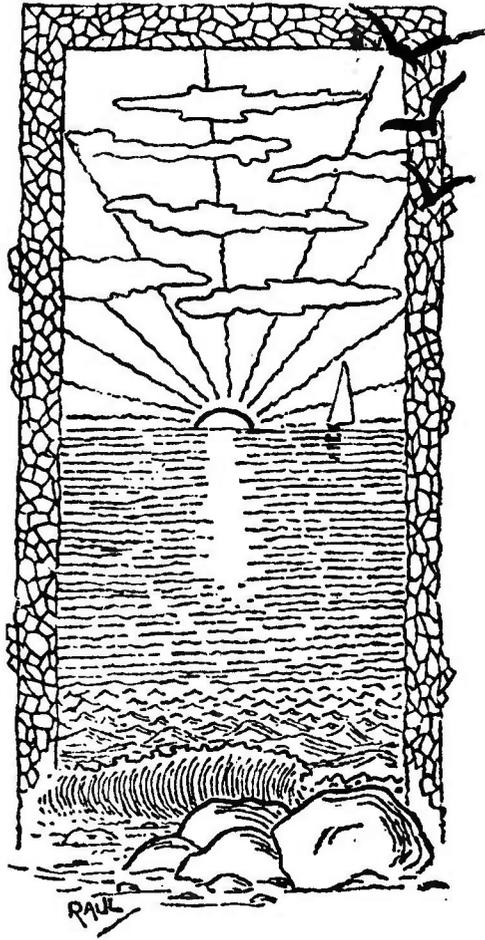
Longo bando de Monjas maceradas  
Pelo pallor vernal das Agonias,  
Que nascem ao luar das Invernias  
E vivem no silencio das Estradas.

Por longas Alvas monacaes veladas,  
Fôfas e frouxas, flácidas e frias,  
Macabram sombras trôpegas, esguias,  
Movimentando o engonço das ossadas.

A rhythmar-lhes o vagar parece  
Que ás Luzes brancas do Luar e neves  
Vaga um tono de Dobres e de Prece.

Seguem rumo dos Céos farandulando  
Flácidas, alvas, céleres e leves,  
Como um bando de Tysicas noivando.





Mar



## XI

Azul e calmo —lembras a Saudade  
Das Noivas Brancas ou dos Illudidos ;  
E's claro como os rumos percorridos  
Pela gente que vem da Mocidade

Revólto em furias de uma Tempestade  
Lembras o coração dos Pervertidos  
E esses caminhos longos e batidos  
Pela gente que vae para a Maldade.

Revólto — cresce's ; torna-se infinita  
A tua vasta solidão funesta  
Nem o Pavor humano te limita.

Calmo — tu tens a flacidez de um Véo.  
E toda a tua vastidão honesta  
Cabe dentro do Céu.



Ilusão



## XII

Noite de Uncção e Paschoa — redolente —  
Branca, de branco a Esphera amortalhando,  
Pelo pó das Estradas polvilhando  
Farinha d'Hostia de um Luar crescente.

Rumor de vélos noivos s'esgarçando  
E dessa alvura e pallidez doente,  
Surges esbaça, leve e transparente  
D'Alva de linho do Luar se alando.

Vens da velhice das Alturas francas  
E a Terra casta em tua Gloria incensa.  
Exhalos alvos de Saudades brancas.

E sobre o Mundo pávido, enfadonho,  
Pharolas d'alto—em nivea restea extensa—  
A Nebulosa tremula de um Sonho.





Vicio



### XIII

Eterno Clown e Symbolo profano  
Do Riso eterno — como o das Caveiras —  
Em cuja face o Gozo cava insano  
A meia-lua rôxa das Olheiras .

Em alegrias de Arlequim de Feiras  
Levado pela mão do Desengano,  
Por este mundo humilimo te esgueiras  
No disfarce infeliz de um Ser humano .

De aspecto rude, repellente e tórvo,  
Sem Risos e sem Magua e sem Guarida  
Haures restos de Vida sôrvo a sôrvo .

Esteril, capro, sem carinho e zêlo,  
Passas rebelde e em furia pela Vida  
No indomavel corcel de um Pesadêlo .



Luxuria



#### XIV

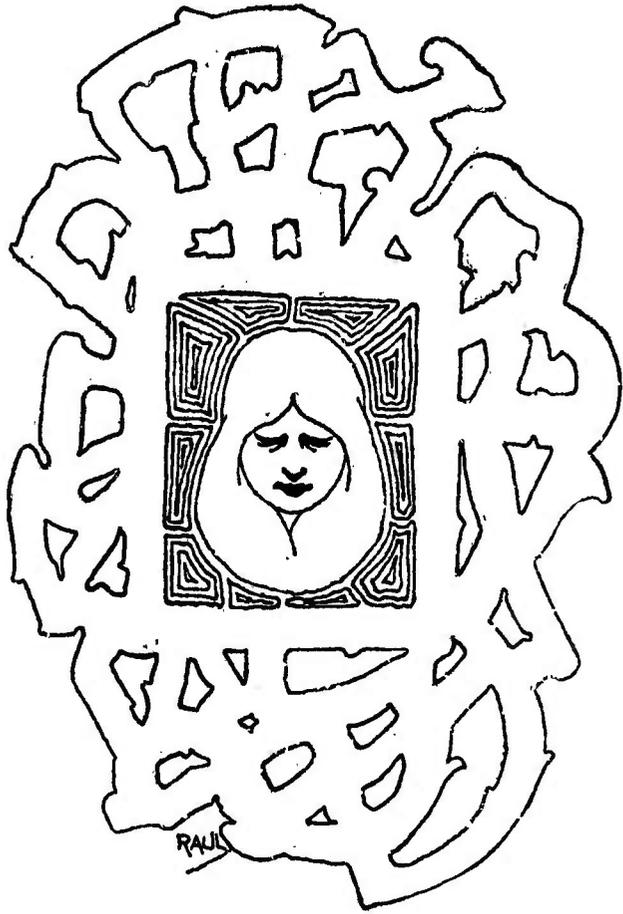
Corpo senil em satyra figura  
De bambas mamas molles e morenas  
De Olhos em temporal e noite escura  
Que brilham d'ação ao ruivo das melenas .

Por caminhos que foram d'açucenas  
E agora d'agua em pantanos impura,  
Vens para a Vida, que de Gozo encenas,  
Na farandula môtma da Loucura

Travez o Vicio que no Riso esbaças  
Clama a tu'Alma bruna e maculáda...  
Amorena-se o Ar quando tu passas.

Deusa dos Risos parvos e facêtos  
Que tens córvos sombrios em revoada  
Noivando dentro dos teus Olhos Pretos.





Tedio



XV

O halo de fogo dos Occasos cresce  
E flavo a Terra pubere engrinalda.  
E este resto de Sol que tudo escalda  
De chamma e de aço rigido parece.

Nem uma sombra os Campos esmeralda...  
E' tudo jalde e tudo amarellece,  
Pelo extremo do Céu que convalesce  
Róla o desgrenho de uma Tarde jalda.

Calida Tarde placida e soturna  
Immensa e tôrva, germinada ao lento  
Labor d'estranha e comburente furna.

Travez da Luz que alto flammeja e arde  
A Alma lá vai — em rumo ao desalento—  
Curvada ao peso do vigor da Tarde.



Desolação



## XVI

Pela Estrada da Vida ampla — coberta  
De um longo vélo pezaroso e baço,  
Has de enconral-a muita vez alerta  
Na longa róta do teu longo passo.

Por caminhos de pedras e sargaço  
Ha de levar-te pela mão incerta,  
Até que exhausto em Maguas e Canção  
Te seja a Vida intérmina e deserta.

Verás em tudo Solidão e Escólhos  
E da Tristeza a tetrica figura  
Estampada trará nos propios Olhos.

E então em Maguas e Pavor clamando  
Has de vel-a passar na Noite escura  
A mortalha dos sonhos arrastando.





Sombra



## XVII

Mal para a Vida o claro da pupilla  
Abrindo, entramos para a Lucta olhando,  
Mansa, de rastro, em lutos e tranquilla  
De onde chegamos vens tambem chegando.

Seguimos juntos, vamos palmilhando  
Campos em flor, longas r6tas de argilla,  
E entre Gozos e Maguas rastejando  
Negro, o Teu Vulto cyprestal oscilla.

Comnosco sempre ! E quando inanimadas  
As Illus6es, a Crença, a Dor suprema,  
Tudo tomba no meio das jornadas.

Ainda 6s tu que em longo luto espalhas  
No longo Palmo da Morada extrema,  
A projecção funerea das mortalhas.

ACABADO DE IMPRIMIR  
AOS TRINTA E UM DE MAIO DE MIL E NOVECENTOS E UM  
NA COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL.  
RUA DOS INVALIDOS 93, RIO DE JANEIRO.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).